

## A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DAS ESTRUTURAS HABITACIONAIS E DISTRIBUIÇÃO DOS ARTEFATOS NO SÍTIO ILHA DA BOA VISTA I, CABO FRIO – RJ\*

Márcia Barbosa\*\*

Maria Dulce Gaspar\*\*\*

Débora Rocha Barbosa\*\*

BARBOSA, M.; GASPAR, M.D.; BARBOSA, D.R. A organização espacial das estruturas habitacionais e distribuição dos artefatos no sítio Ilha da Boa Vista I, Cabo Frio – RJ. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 31-38, 1994.

**RESUMO:** O artigo visa mostrar os primeiros resultados da pesquisa no sambaqui da Ilha da Boa Vista I – Cabo Frio, RJ. Este sítio foi a habitação de pescadores, coletores e caçadores há 3.480 anos AP. O trabalho trata especificamente da organização espacial das estruturas de habitação e distribuição de artefatos.

**UNITERMOS:** Análise espacial – Grupos coletores-pescadores-caçadores – Litoral do Rio de Janeiro, RJ.

### Introdução

Os estudos sobre assentamentos de pescadores, coletores e caçadores (PCC) do litoral tem gerado farta informação arqueográfica. Porém, as pesquisas limitam-se a raras pesquisas sobre temas mais específicos como, demografia, economia, processo de construção e organização espacial.

Objetivando fornecer informações que possibilitem a elaboração de amplos quadros comparativos regionais (Gaspar, 1991), iniciamos os estudos sobre organização espacial no sítio-piloto Ilha da Boa Vista I, Cabo Frio-RJ.

(\*) Pesquisa vinculada ao projeto *O Aproveitamento Ambiental das Populações Pré-Históricas do Estado do Rio de Janeiro*, convênio FINEP/FUJB/MN.

(\*\*) Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(\*\*\*) Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Pesquisadora CNPq.

### Caracterização do sítio

Com um formato de meia colina e de base circular, o sítio possui um diâmetro de 29m, com área de 660m<sup>2</sup> e uma altura máxima de 2,10m. Encontra-se assentado sobre um dos muitos cordões arenosos da planície entre os rios Una e São João, no litoral de Cabo Frio-RJ. Sobre este cordão assentam-se também mais dois sítios: Boa Vista II e III (FINEP:1991/92). Observando o sítio de oeste para leste, percebe-se que a declividade é mais acentuada na parte oeste, área na qual se concentrou a maior parte dos vestígios das atividades e das estruturas habitacionais.

Trata-se de um sítio de moradia de (PCC) ocupado desde 3.480 A.P. (ORSTOM, n<sup>o</sup> 1077). Apresenta-se com uma única camada ocupacional, com cerca de 80cm de espessura, composta de sedimento arenoso compactado com os seguintes elementos: restos faunísticos (peixe, caça de pequeno porte, *Ostrea* sp, *Pomacea canaliculata* (Lamarck), *Lucina pectinata* (Gmelin, 1791), *Veneridae*, *Megalobulimus* sp e *Taumasthus* sp),

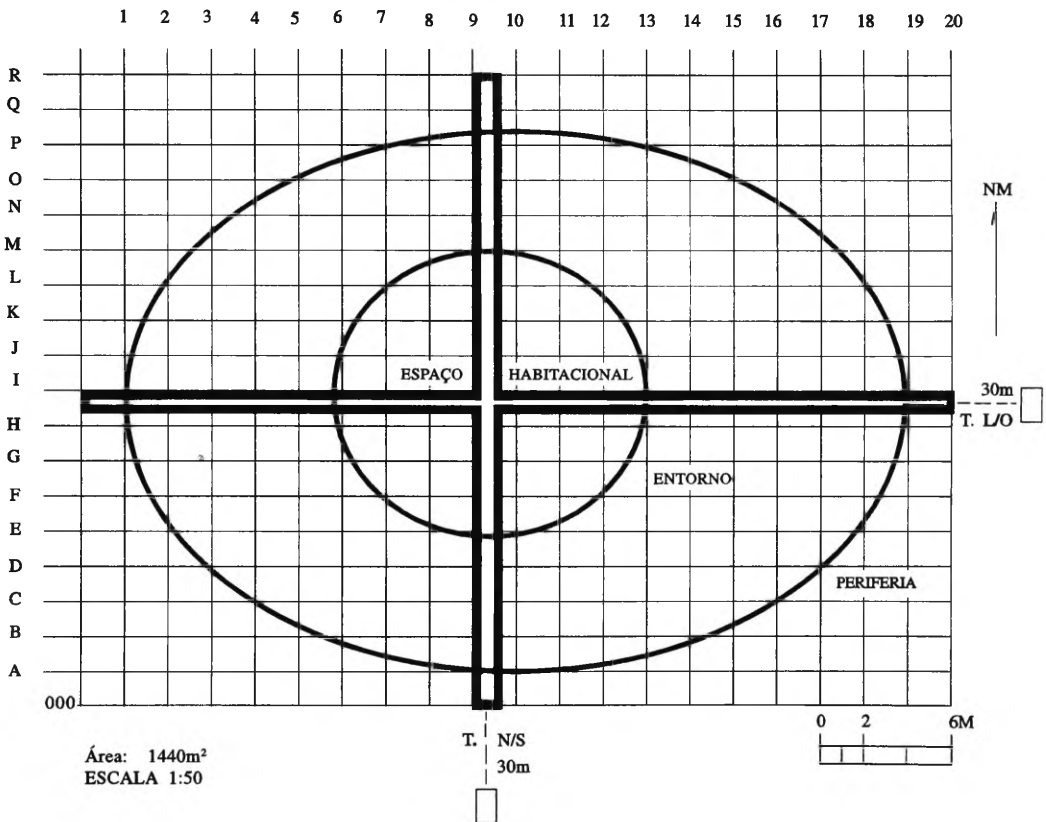
artefatos (ósseos, líticos e malacológicos), corantes, bolsões de conchas, marcas de combustão, sepultamentos e pisos de argila.

Após um minucioso trabalho topográfico, no qual procurou-se quadricular não só a camada de conchas mas também a periferia, perfazendo um total de 1.440m<sup>2</sup>, iniciaram-se os trabalhos de abertura de duas trincheiras, que foram posicionadas fazendo-as coincidir com os pontos cardeais. Assim, obtivemos uma trincheira norte-

sul com 36m de comprimento por 1m de largura e uma trincheira leste-oeste com 40m de comprimento por 1m de largura, que se cruzavam no ponto mais elevado. Nesta área de 58m<sup>2</sup> chegou-se à base arenosa do sítio.

Terminada esta etapa, foi iniciada a abertura do quadrante noroeste que resultou em uma área escavada de 136m<sup>2</sup>. Com a interrupção dos trabalhos de campo, atingiu-se apenas 50cm de profundidade da superfície atual do sítio (ver Fig. 1).

Delimitação de espaço e Trincheiras N/S, L/O



QUADRICULAMENTO DO SÍTIO ILHA DA BOA VISTA I

Tendo como objetivo verificar a ocorrência de atividades no entorno do sítio, abrimos quatro sondagens nos prolongamentos de cada trincheira. As sondagens, de 50 x 50cm e 80cm de profundidade, distaram 30m da periferia do sítio. A ausência de qualquer tipo de material arqueológico indica que na área de 29m de diâmetro era realizada a maioria das atividades cotidianas – alimentação, repouso, fabricação de artefatos, sepultamentos e descarte de materiais.

Os trabalhos desenvolvidos por Kneip (1977), Kneip *et alii* (1991;1992), Carvalho (1986) e Gaspar (1991), produziram informações que, somadas às nossas observações, permitiram a elaboração de uma estratégia para se compreender a organização espacial em sítios de PCC. A proposta baseia-se no reconhecimento das estruturas arqueológicas como indicadores espaciais. Estas foram analisadas utilizando-se duas oposições: 1) centro-periferia do sítio e 2) interior e exterior da cabana.

O centro, em oposição à periferia, pode ser caracterizado como uma área de maior concentração de restos de atividades, composto por restos alimentares, sepultamentos, fogueiras, estruturas habitacionais e artefatos. Por sua vez, pode ser desdobrado em espaço habitacional, local onde se encontram as evidências das estruturas habitacionais, e o seu entorno, local onde são encontrados as concentrações de restos alimentares, as fogueiras e os sepultamentos. A periferia é a área de menor concentração de restos de atividades, onde estão presentes manchas de fogueiras sem restos faunísticos e artefatos líticos.

### As estruturas habitacionais

Das várias estruturas evidenciadas optamos por analisar, de forma mais detalhada, as estruturas habitacionais, relacionando-as com outras estruturas como fogueiras, concentração de restos alimentares e sepultamentos.

As estruturas evidenciadas permitiram identificar, até o momento, dois pisos ocupacionais, distribuídos em uma camada arqueológica de aproximadamente 80cm de espessura. Em trabalho anterior (Barbosa, 1993), pensamos tratar-se de quatro pisos: dois mais recentes e dois mais antigos; no entanto, a continuidade dos trabalhos de campo permitiu-nos corrigir esta observação.

Foram evidenciadas três tipos de concreções que se apresentam na seguinte forma: 1) concreção argilosa compacta de coloração creme, com rara presença de carvão e/ou concha na sua composição, apresentando vários buracos de estaca; 2) concreção cinza porosa, que apresenta na sua composição carvão, conchas e cinzas; 3) uma outra concreção cinza, que se diferencia da descrita acima, pela sua compactação e pela presença de argila na sua composição. Ressaltamos que esta classificação apoia-se apenas em análise macroscópica e que as concreções ainda serão objeto de estudos mais detalhados.

As estruturas habitacionais estão representadas pelas concreções do tipo 1. Com espessura média de 20cm, apresentam-se em blocos fragmentados ou inteiros. Sua compactação pode ser explicada por dois fatores: devido ao pisoteamento constante ou pela adição intencional de elementos e exposição ao fogo.<sup>1</sup>

Aparecendo junto ao limite entre o entorno e a periferia encontramos a concreção do tipo 2. Sua análise parece indicar que ela seria resultado da ação de agentes biológicos (bactérias) que produziriam carbonato de cálcio. Isto ocasionaria a sua compactação e a superfície porosa apresentada. Como estas bactérias necessitam de condições apropriadas para o seu desenvolvimento, acreditamos que estas existissem em fogueiras que, aglutinando restos orgânicos, carvão e cinzas, produziriam o meio adequado para o seu crescimento. Esta correlação está baseada também no fato de não terem sido evidenciadas, até o momento, fogueiras com restos alimentares calcinados.

A concreção do tipo 3 foi encontrada sob a concreção do tipo 1. Por apresentar argila na sua composição e pela sua associação com a concreção das estruturas habitacionais, estamos supondo que pode estar relacionada a construção dos pisos de cabanas.

Considerando as concreções do tipo 1 como pisos de cabanas, iniciamos a associação dos buracos de estaca a uma possível forma e dimensão. Como estes vestígios foram evidenciados na área das trincheiras, não foi possível ainda recu-

(1) Orsich (1977:72) observa que as concreções formadas por lodo, areia e conchas seriam pisos compactados pela movimentação; Calderon (1964:29) afirma: “(...) camada composta por argila compactada (...) parece ter servido de piso a uma construção de materiais percíveis”.

perar a totalidade dos contornos das habitações. Trabalhamos com um modelo de cabana com dimensões de 16m<sup>2</sup> e 20m<sup>2</sup> e a forma tendendo para elíptica. Tal forma, recorrente em dois sítios do litoral fluminense, Corondó (Carvalho, 1986) e Pontinha (Kneip *et alii*, 1991, 1992), também pôde ser inferida através dos buracos de estaca, pois muitos apresentam-se mais largos num dos bordos. Estamos supondo que a estrutura da cabana era formada por várias estacas envergadas e amarradas juntas na sua parte superior. O tamanho reduzido das cabanas está sugerido pelas pequenas dimensões dos buracos de estaca (10cm), ou seja, estacas pequenas corresponderiam a pequenas habitações que deveriam abrigar apenas um grupo familiar de 4 a 5 pessoas. O uso de um modelo hipotético de cabana de pequena dimensão nos levou a considerar que o sítio poderia comportar quatro a cinco unidades habitacionais, o que totalizaria um grupo de 20 a 25 indivíduos, número compatível com as informações demográficas sobre os PCC (Gaspar, prelo).

Analisando a distribuição espacial das cabanas através da oposição interior-exterior, observamos que a área interna caracterizou-se pela presença de raros vestígios alimentares fragmentados e dispersos, formando um piso compactado. O exterior das cabanas, parece ter sido o local de descarte do “lixo familiar”.<sup>2</sup>

Dos quatorze enterramentos recuperados (Wesolowsk *apud* FINEP, 1991/92), observou-se que cinco localizavam-se no interior das cabanas; destes, três demonstram claramente a quebra da concreção creme para se fazer cova. A prática de enterramento interno à cabana é recorrente nos assentamentos de PCC, contudo, ainda não foram realizados estudos que possibilitassem recuperar os critérios que caracterizariam este padrão de sepultamento. Os nove sepultamentos restantes estão dispersos no entorno do espaço habitacional. Assim, todos os sepultamentos recuperados estão restritos ao centro do sítio.

Quanto às fogueiras, foram evidenciadas no interior das cabanas pequenas manchas pretas estéreis contendo apenas carvão, o que pode indicar a existência de fogo interno sem finalidades de

cocção de alimentos, possivelmente relacionada ao processo de aquecimento. Estas manchas pretas plasmadas também estão associadas a enterramentos, o que aponta para uma função ritual. O que foi considerado por nós como fogueiras alimentares (as concreções do tipo 2), apresentaram-se de grandes dimensões. Algumas têm mais de 2m de diâmetro e espessura entre 10 a 40cm. Este tamanho indica que estas fogueiras seriam de uso coletivo.<sup>3</sup>

A existência de uma grande quantidade de buracos de estaca num mesmo bloco e/ou piso pode ter sido resultado de uma contínua reconstrução da cabana, processo ocasionado possivelmente pela rápida deterioração da matéria-prima utilizada, ou pode indicar uma alteração nas suas dimensões, como propõem Carvalho (1986) e Kneip *et alii* (1991/92). Acreditamos que com o avanço dos estudos poderemos verificar esta informação. De uma maneira ou de outra, é importante reforçar que, se houve reconstrução, esta não alterou de forma significativa o espaço habitacional.

Se observamos que o próprio sítio apresenta uma forma tendendo a circular, e que esta forma se repete nas estruturas habitacionais, é possível que ela orientasse também a ordenação das cabanas. Assim, as habitações estariam voltadas para um espaço comunitário central. Corroboram esta hipótese da repetição de formas circulares, as concentrações de restos faunísticos que estão dispostas à volta do espaço habitacional, como a formar um anel descontínuo.

## Os artefatos

Agora trataremos da caracterização das áreas de atividades, a partir da distribuição dos artefatos. Este exercício de análise visou uma reavaliação da nossa tipologia e a sistematização da organização espacial.

Objetivando viabilizar este trabalho, criamos, para o conjunto dos artefatos em osso, cinco categorias, são elas: pontas, vértebras, dentes, ossos trabalhados e restos de indústria. Não nos valem de uma tipologia detalhada dos artefatos, tudo da forma, técnica e função, já que o objetivo

(2) Tiburtius (*apud* Prous, 1992:208) observa para o sambaqui da Conquista nº 9 a formação de um anel de conchas contínuo à volta das cabanas indicando que o lixo era jogado neste espaço.

(3) Tiburtius (*apud* Prous, 1992) descreve cinco grandes fogueiras permanentes que cresceram em altura junto com o sítio da Conquista 9; ocupam uma posição periférica e o diâmetro é de vários metros.

desse estudo é estabelecer a distribuição espacial dos artefatos. Por exemplo, as peças ósseas foram classificadas como elementos relacionados à obtenção de alimento (caça e pesca), adorno, ou acompanhamento funerário.

Foram coletados cerca de 204 artefatos ósseos dentro dos quais 121 pontas, 12 vértebras, 14 dentes, 9 ossos trabalhados e 48 restos de indústrias (ver Tabela 1).

Algumas evidências indicam que as pontas ósseas utilizadas para a caça e/ou pesca, permaneciam no animal durante a preparação. Estamos supondo também que os adornos não são bons indicadores de áreas de atividade, pois parecem ter sido abandonados nos locais onde foram perdidos.

Todas as pontas são consideradas independentemente dos tipos: vértebras, tanto as polidas quanto as perfuradas; dentes, com todas as suas variações de trabalho. Consideramos como ossos

trabalhados todos os artefatos que não foram acima citados, são eles os canutilhos, as espátulas, entre outros. E por fim, temos os restos de indústrias que são: epífises cortadas, diáfise com epífise cortada, etc..

Poucos artefatos em concha foram registrados; contamos com apenas 39 peças. A maioria pertence à espécie *Lucina pectinata* (Tabela 2). Com relação ao lítico, temos 4.836 peças. Dentre os analisados, temos 17 lâminas de machado, 6 almofarizes, 48 alisadores, 10 batedores e 8 quebra-cocos. Foram recuperados muitos seixos rolados de quartzo e de gnaisse sem marcas perceptíveis de trabalho e/ou uso, algumas lascas bipolares e de percussão e restos de indústrias. Alguns seixos apresentaram-se com *Ostrea* sp incrustada, indicando que foram coletados no mangue e transportados para o sítio (ver Tabela 3).

TABELA 1 — OCORRÊNCIA DE ARTEFATOS LÍTICOS

	Espaço Habitacional	Entorno	Periferia	Total
Almofariz	4	1	1	6
Alisador	6	16	1	23
Batedor	5	4	2	11
Seixo com canaleta	1	4	1	6
Lâmina de machado	7	8	2	17
Seixo com ranhura	–	4	1	5
Quebra coquinho	2	4	2	1

TABELA 2 — OCORRÊNCIA DE ARTEFATOS ÓSSEOS

	Espaço Habitacional	Entorno	Periferia	Total
Pontas	57	64	–	121
Vértebras	4	8	–	12
Dentes	2	12	–	14
Ossos trabalhados	3	6	–	9
Restos de indústria	16	31	1	48

TABELA 3 — OCORRÊNCIA DE ARTEFATOS MALACOLÓGICOS

	Espaço Habitacional	Entorno	Periferia	Total
Conchas com marcas	13	21	–	34

Embora todos os artefatos recuperados nesta primeira etapa de trabalho já estejam analisados, ainda não foi possível plotar a totalidade dos materiais mais recorrentes (seixos, blocos, lascas de percussão e bipolar, raspadores e restos de indústria).

Consideramos que os artefatos estão relacionados com determinadas atividades e que sua localização é uma pista para saber onde elas eram desenvolvidas. São por nós considerados indicadores seguros, a recorrência e a dimensão das peças. Supomos que artefatos com mais de 2 Kg não deviam ser deslocados frequentemente e que por isso tendem a estar no local onde foram deixados. Este é o caso de almofarizes e quebra-cocos. No que se refere à atividade relacionada com o almofariz, etnograficamente associado a processamento de vegetais e vinculado ao uso feminino, temos, pelo menos, um exemplo que parece questionar este uso. Trata-se de um almofariz de quartzo impregnado com mancha vermelha em sua depressão, associado com um seixo que apresenta marcas de picoteamento e impregnação que era acompanhamento de um indivíduo do sexo masculino. Estes artefatos foram evidenciados no entorno do espaço habitacional e parecem indicar sua utilização para processar corante.

O quebra-coco pode ter sido usado não apenas para processar alimento, mas, também, como suporte para a confecção de lascas bipolares. Estas duas funções explicariam a ocorrência deste artefato, tanto no entorno do espaço habitacional, quanto na periferia do sítio.

As lâminas de machado ocorrem por todo o sítio e ainda não é possível entender a sua distribuição espacial.

Os alisadores – seixos que apresentam uma ou duas faces planas – foram evidenciados no entorno do espaço habitacional. Provavelmente estes artefatos serviriam para trabalhar couro, fibra, ou madeira, mas não temos nenhum indicador que comprove a sua utilização. Há também seixos com canaletas que podem ser resultado de preparação de hastes de flecha. Estes estão presentes tanto no entorno quanto na periferia do sítio.

Na área onde foi possível analisar a totalidade do material lítico (trincheira norte/sul), constatamos que a periferia do sítio foi o local de lascamento. Uma análise ainda não definitiva permite propor que as atividades de lascamento concentram-se na periferia e a sua frequência vai tornando-se menos expressiva à medida que se aproxima do espaço habitacional.

As conchas com marcas de uso estão dispersas no entorno e no espaço habitacional. Provavelmente, foram utilizadas como raspadores, pois apresentam desgaste na extremidade mesial. Contudo, ainda não podemos avançar em relação a este tema.

As pontas ósseas estão distribuídas no espaço habitacional e principalmente no entorno, indicando que algumas foram utilizadas e descartadas. Este dado parece confirmar nossa hipótese de que muitas pontas não foram retiradas da caça enquanto era preparada para o consumo.

Os dentes e vértebras foram recuperados no entorno do espaço habitacional. Os ossos trabalhados parecem ter sido confeccionados preferencialmente no entorno do espaço habitacional, devido à grande ocorrência de restos de indústria óssea nessa área.

Podemos, por enquanto, constatar que existem espaços vazios. Ocorrem tanto na área interna das cabanas como no entorno do espaço habitacional. A área delimitada pelas cabanas não foi um espaço destinado à execução de atividades como cozinhar, lascar, cortar etc.. Algumas áreas no entorno do espaço habitacional, devido à baixa frequência de artefatos, parecem ter sido destinadas à circulação.

Alguns artefatos foram utilizados como acompanhamento funerário: seixo e bloco de quartzo, alisador, batedor, corante e dente perfurado. Podemos inferir que estes elementos pertenciam aos respectivos indivíduos e quando ampliarmos nossa amostra poderemos relacionar certas atividades com a classe de idade e sexo.

Observamos que o material ósseo e malacológico ocorre no entorno do espaço habitacional

e os líticos foram evidenciados tanto nesta área como na periferia do sítio. Isto indica que a área de intensa atividade parece ter sido o entorno do espaço habitacional, que provavelmente foi destinado à confecção, utilização, descarte de artefatos e preparação de alimento. Suspeitamos, ainda, que algumas classes de artefatos (almofariz e seixo com canaleta) estão relacionadas a grupos domésticos e, outras (lâminas de machado e alisadores), com os indivíduos.

Com a continuidade das pesquisas e plotagem de todos os artefatos poderemos ter uma visão mais complexa da ordenação espacial das atividades do sítio Ilha da Boa Vista I.

### Agradecimentos

O nosso agradecimento a Angela Buarque pela leitura e revisão dos originais.

BARBOSA, M.; GASPAR, M.D.; BARBOSA, D.R. Spatial organization of the habitational structures and artifacts in the Boa Vista I Island site, Cabo Frio – Rio de Janeiro State. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 31-38, 1994.

**ABSTRACT:** This article aims to show the first results of the research into the shell mound of Ilha da Boa Vista I – Cabo Frio, RJ. This site was the dwelling of fishermen, gatherers and hunters 3.480 years BP. It deals specifically with spatial organization of habitation structures and distribution of artefacts.

**UNITERMS:** Spatial analysis – Gatherers – fishers groups – Rio de Janeiro State littoral.

### Referências bibliográficas

- BARBOSA, M.  
(1993) O uso das estruturas arqueológicas como indicadores espaciais no sambaqui Boa Vista I, Cabo Frio-RJ. *Info-Arqueodata*, 2, Instituto Superior de Cultura Brasileira, Rio de Janeiro: 1-6.
- CALDERON, V.  
(1964) *O sambaqui de Pedra Oca*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Bahia, Salvador.
- CARVALHO, E.  
(1986) *Estudo Arqueológico do Sítio Corondó, missão 1978*. Instituto de Arqueologia Brasileira, série monografia nº 2, Rio de Janeiro.
- GASPAR, M.D.  
(1991) *Aspectos da Organização de um grupo de pescadores-coletores-caçadores: região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- (1991) Relatório de acompanhamento do projeto *O Aproveitamento Ambiental pelas Populações Pré-Históricas no Estado do Rio de Janeiro*. FINEP/FUJB/MN.
- (prelo) Parametros demográficos para a ocupação pré-histórica dos pescadores, coletores e caçadores. M.C.C., Beltrão (Org.). A ser publicado na coletânea sobre Pré-História do Rio de Janeiro. Arquivo Público do Estado.
- KNEIP, L.M.  
(1977) Pescadores e recoletores pré-históricos do litoral de Cabo Frio, RJ. *Coleção Museu Paulista, série arqueologia 5*, Universidade de São Paulo, São Paulo: 7-169.
- KNEIP, L.M.; PALLESTRINI, L.; CRANCIO, F.; MACHADO, L.M.C.  
(1991) As estruturas e suas interrelações em sítios de pescadores, coletores e caçadores pré-históricos do litoral de Saquarema, RJ. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, 5, Rio de Janeiro: 5-42.
- (1992) As estruturas e suas interrelações em sítios de pescadores, coletores e caçadores pré-históricos do litoral de Saquarema, RJ. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 2, Rio de Janeiro: 552-560.
- ORSSICH, A.  
(1977) O sambaqui de Araújo II. *Cadernos de Arqueologia*, 2. Museu de Arqueologia e Artes Populares. Universidade Federal do Paraná: 11-66.

BARBOSA, M.; GASPAR, M.D.; BARBOSA, D.R. A organização espacial das estruturas habitacionais e distribuição dos artefatos no sítio Ilha da Boa Vista I, Cabo Frio – RJ. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 31-38, 1994.

PROUS, A.

(1992) *Arqueologia Brasileira*. Universidade de Brasília, Distrito Federal.

*Históricas no Estado do Rio de Janeiro*. FINEP/FUJB/MN.

WESOLOWSK, V.

(1991) Relatório de acompanhamento do projeto *O*  
(192) *Aproveitamento Ambiental das Populações Pré-*

*Recebido para publicação em 5 de dezembro de 1994.*